

# Textualidade, imagem e mestiçagem na crônica de Guamán Poma

Consuelo Alfaro Lagorio

Recebido 9, jan. 2007 / Aprovado 29, mar. 2007

## Resumo

*Felipe Guamán Poma de Ayala (1526?-1615) é o cronista andino, autor de Nueva Crônica y buen gobierno, cujo texto reproduz, entre outros, os processos críticos de identidade, resultado dos acontecimentos históricos da América a partir do século XVI. A crônica envolve um interdiscurso entre tradição oral da língua materna e literalidade em segunda língua, mas recorre também à tradição iconográfica andina, como parte dos conflitos desta identidade. Consciente do irreversível das mudanças pelas quais passavam as sociedades andinas, o cronista índio decide formular por escrito o que conhece 'de oídas', o que recolhe à maneira de um 'etnógrafo', o que lê nas crônicas espanholas e o seu próprio testemunho sobre os acontecimentos e seus antecedentes históricos. O texto escrito está acompanhado de desenhos que o ilustram, o que dá um caráter iconográfico especial ao documento.*

*Palavras-chave: Crônicas da conquista; Iconografia da conquista; Literatura do Peru.*

Em 1615, um índio peruano que assina Felipe Guamán Poma de Ayala escreve uma carta ao monarca espanhol, Felipe III, dando conta do envio de um manuscrito de 1200 páginas, entre as quais 398 desenhos. Não há notícias de que o rei espanhol recebera o documento, mas se sabe que a carta chegou ao Arquivo de Simancas, como parte de toda a documentação administrativa que foi transferida ao *Archivo de Indias* de Sevilha no século XVIII.

O manuscrito teve um outro destino, atualmente se encontra na Biblioteca Real de Dinamarca, possivelmente adquirido pela Coroa Dinamarquesa devido ao interesse das monarquias protestantes na documentação da Inquisição espanhola dos séculos XVI e XVII. Descoberto, em 1908, pelo bibliotecário alemão Richard Pietschmann, o manuscrito foi apresentado pela primeira vez no Congresso de Americanistas.

A *Nueva Crônica y buen gobierno* do peruano Felipe Guamán Poma de Ayala constitui um dos documentos mais significativos sobre a conquista espanhola, escrito por um índio e, ao mesmo tempo, um esforço em registrar dados e versões destinados a construir a memória não só desse momento histórico, mas de um passado étnico ao que a introdução da escrita apresenta riscos. Na carta dirigida ao monarca espanhol apresentando a Crônica, o autor se refere a esta tarefa assim:

[...] Muchas veces dudé,... azeptar esta dicha inpresa y muchas veces más me quis volver atrás juzgando temeraria mi intención, no hallando sujeto en mi facultad para acuarla conforme a la que se debia a unas historias cin escriptura nenguna no más de por los quipus e memorias y rrelaciones de los yndios antiguos de muy biejos y biejas sabios testigo de vista para que dé fé de ellos y me valga por ello [...].

Como produto da sociedade colonial americana nos primeiros momentos - séculos XVI e XVII - Guamán Poma é um *índio ladino*, isto é, descendente de duas estirpes andinas pertencentes ao *Tahuantisuyo* — Império Incaico — portanto, falante nativo da língua quéchua — variedade *Chinchay* — mas também com um relativo domínio do espanhol, fruto do contato educativo com o clero, especialmente dentro do marco da catequese. O fenômeno de *ladinização* é o resultado dos processos de integração pelos quais passam as lideranças andinas e ele se reflete no bilingüismo quechua-castelhano, especialmente dos “curacas”, ‘autoridade local de mando médio’, que são os intermediários das relações produtivas entre índios *del común* e agentes da conquista.

O cronista constrói a sua legitimidade como interlocutor representante do novo mundo, precisamente pela condição de falante nativo de língua quéchua, competente a ponto de conhecer toda a diversidade lingüística e cultural do mundo andino.

Por outro lado, maneja como segunda língua o espanhol, embora com informações do mundo ocidental fragmentadas, conhece muito bem a máquina burocrática hispânica, o que lhe proporciona elementos críticos constitutivos do texto e lhe dá acesso a formas de oratória para argüir e defender as suas teses.

A intenção de registro é evidente no gênero escolhido pelo caráter institucional dessa forma. O gênero crônica, que se consolida desde Alfonso X, confere ao discurso histórico um papel relevante na formação discursiva hispânica. A propósito, a historiografia hispano-americana conta com uma profusão de documentação, pois toda e qualquer expedição, incursão, evento bélico ou não, tem registros descrevendo e narrando uma ou mais versões dos acontecimentos.

No entanto, o autor se serve do gênero não só para descrever o mundo incaico antes da chegada dos conquistadores, ou para descrever os acontecimentos da conquista desde o ponto de vista andino. O que Guamán Poma pretende, além de documentar, é debater, argumentando, mas, sobretudo contestando e deslegitimando outras versões, a partir do seu lugar 'nativo'. Ao mesmo tempo, é consciente que essa é uma das poucas formas em que um índio, como ele, poderia fazê-lo, participando da grande polêmica sobre a natureza humana dos nativos americanos, polêmica que agita os meios intelectuais da Europa humanista na discussão sobre o futuro das sociedades conquistadas em franco processo de desagregação.

O autor utiliza estratégias retóricas que conhece da sua experiência no meio eclesiástico hispânico e que são fundamentais para o debate teológico, mas ele aporta elementos de sua própria tradição étnica como o uso das línguas andinas, registrando diversas formas literárias da tradição oral não apenas em quéchua, mas também em aymara, outra língua andina importante. O que constitui novidade em relação a outros documentos do gênero é, porém, o registro iconográfico nos desenhos, que representam o esforço de interculturalidade, no sentido de acionar os traços andinos, mas com glosas, tanto em quéchua quanto em espanhol, com caráter proselitista, seguindo as normas didáticas conciliares. A *Nueva Coronica y Buen Gobierno* representa uma grande empreitada, considerando que o autor não só escreve numa língua que não é a materna, mas recorre às suas fontes étnicas e à sua tradição de registro, que são provenientes de uma língua e de culturas independentes da escrita.

### **A sociedade colonial andina**

Como uma forma de resolver os problemas derivados da diversidade lingüística, os conquistadores recrutavam jovens indígenas, geralmente falantes de uma língua geral ou de mais de uma língua ou dialeto de uma família lingüística (bilíngües ou diglössicos). Submetidos a um processo de *imersão*, através

de uma longa convivência forçada com as tropas, serviam de *intérpretes* ou *tradutores* nas expedições de penetração da empresa colonizadora. O conhecimento das línguas locais oferecia melhores condições para uma das principais tarefas da expedição que consistia em recrutar mão de obra dos diversos grupos étnicos existentes.

Este papel serve para desestruturar o sistema, exacerbando os conflitos étnicos já existentes. Os *línguas* servem como instrumento de comunicação até quando já estava bem avançado o processo de consolidação da conquista. Subsistem na função de intérpretes nos litígios fundiários e no confessionário. Neste último caso, existe abundante documentação da polêmica sobre a falta de sigilo no que se refere ao segredo da confissão, intrínseca à tradução, assim como os problemas de falta de fidelidade, dependendo da competência lingüística do *língua*, violando as normas dogmáticas da Igreja (SUESS,1992).

Uma vez superada a fase de impacto frente à diversidade lingüística, o projeto político hegemônico da conquista entra na padronização lingüística que está em processo na própria Espanha. No século XVI, a Coroa Espanhola cria uma legislação que segue uma linha dura de castelhanização com os nativos americanos. Em 1550, Carlos I dispõe que os frades ensinem *obrigatoriamente* o espanhol aos índios dentro das atividades de catequese. Ante uma resistência generalizada por parte do clero e da própria administração colonial, o monarca espanhol revogou, em 1565, a cédula real anterior e exigiu que os missionários aprendessem a língua de cada grupo indígena a seu cargo. Em 1570, Felipe II declara as línguas indígenas *veículo de catequese* (SOLANO,1991).

Uma avaliação correta do quadro lingüístico fará com que a política lingüística desemboque no curso das *línguas gerais*. Na metade do século XVI, no caso andino, o quéchua chinchay se converte na língua de catequese e de comunicação interna. Aparecem os primeiros estudos sobre as línguas indígenas, de forma que as primeiras gramáticas da língua quéchua datam de 1586 e logo no início do século seguinte é publicada a Gramática da Língua Quéchua de González Holguín [1607] (TORERO, 1968).

Esta estratégia de aceitação das línguas e culturas indígenas coincide, paradoxalmente, com uma investida definitiva contra as culturas andinas. No século XVII, se desencadeia um período conhecido como *extirpação de idolatrias* contra os remanescentes das nacionalidades indígenas acudadas nas regiões de mais difícil acesso. (TAYLOR, 1980). Ali está o refúgio, através das línguas, da religiosidade do mundo andino e, precisamente por isto, a Inquisição entra com seu exército de missionários, padres e agentes bilíngües para, segundo eles, erradicar '*todo gênero de superstições e costumes idolátricos veiculados nas línguas*', assim como qualquer possibilidade de irradiação das mesmas. Os

bilíngües são por definição do ofício, não só índios *ladinos*, mas mestiços indo-hispânicos, ou “*criollos*”, profundos conhecedores da cultura e hábeis falantes de quéchua.

Este contexto pode explicar porque Guamán Poma desempenha as funções relacionadas à sua condição lingüística de bilíngüe. Foi *língua* na juventude, participando no episódio da *extirpação de idolatrias* e na repressão aos movimentos étnicos conhecidos como *taki-onkoy*. Foi também intérprete em litígios de terras e em confessionários, a sua língua materna é a variedade Chinchay do quéchua que estava se tornando a língua geral do Império antes da chegada dos colonizadores, mas que ainda continuará seu processo de expansão, duzentos anos após a consolidação da conquista (TORERO, 2002). Desta forma, esta variedade que era a de maior prestígio e de maior extensão territorial é a língua materna do cronista, embora ele domine outras línguas e dialetos quéchuas, além do aymara, língua de grande importância local.

Apesar da polêmica em torno à condição de *principal*, que ele alega, é indiscutível que o cronista teve uma educação formal que lhe deu acesso à escrita. Isto se torna um dado de grande importância porque, neste ponto, o contato de línguas orais e culturas que têm formas de registro diferentes à escrita sofrem um impacto irreversível especialmente nas formas de construir a memória.

### O Autor

A parte espanhola do seu nome, Felipe de Ayala, provém do casamento da mãe com um espanhol depois do seu nascimento, em torno de 1534. Waman Poma, ‘águia’ e ‘tigre’ respectivamente, correspondem à clássica onomástica quéchua. À diferença do ilustre mestiço cusquenho, o Inca Garcilaso de la Vega, também cronista, Guamán Poma é andino pelos dois lados, descendente dos Yarovilca Allauca Huánuco pela linha paterna e da dinastia cusquenha pela materna.

Esta filiação é uma das bases da composição do texto na medida em que o autor marca reiteradamente a sua identidade dentro do complexo universo étnico andino. Como em toda sociedade patrilinear, esta forma de parentesco é fundamental para a caracterização étnica responsável pela sua perspectiva histórica. O autor destaca a naturalidade do pai e do avô paterno como “principales” do Chinchay-suyo, um importante reino do Império Incaico que disputa o poder com as estirpes cusquenhas. Também destaca a origem de sua mãe como filha de Túpac-Yupanqui, décimo Inca, legítimo representante da alta nobreza do Cusco, centro administrativo do poder político imperial.

Além destes elementos de identificação étnica, o cronista chama atenção para a inserção familiar nas relações sociais. Como personagens de sua Crônica, o pai e o avô desempenham,



no texto, funções graduadas na administração do Império, como vice-reis do Inca. O pai aparece também como general de exércitos, participando de operações militares na conquista, e o avô, como mártir, queimado vivo por Pizarro. Esta linha sucessória constrói uma identidade 'social' e política do autor que converge na autodenominação de 'príncipe', 'cacique principal', 'tenente corregedor de índios' (PRADO, 1991). Embora não haja provas da posição aristocrática reivindicada pelo cronista, o que parece ser o objetivo de Guamán Poma é se apresentar perante a nascente sociedade colonial como herdeiro legítimo de direito, de uma linhagem nobre, interlocutor à altura do rei de Espanha, a quem dirige o documento; nos padrões de uma sociedade monárquica assume o lugar de porta-voz e legítimo representante das nações conquistadas. Nesse sentido, o elemento que compõe a principal legitimidade do testemunho do cronista é a sua identidade lingüística.

A sua formação hispânica começa na juventude, não só pelo contato direto com a burocracia colonial, mas especialmente pela educação religiosa a que eram submetidos os jovens índios escolhidos. Este contato intenso e prolongado permite um conhecimento profundo e crítico das diversas Ordens Religiosas. O seu desempenho como 'língua' — intérprete — e especialmente como auxiliar do visitador eclesiástico na tarefa inquisitorial de "extirpação de idolatrias" acaba por consolidar esta formação. Guamán Poma ocupa uma posição lingüística privilegiada.

O uso do quéchua, que dialoga com um profundo conhecimento do mundo andino, proporciona um tipo de legitimidade ao texto, ausente nas crônicas espanholas, ao introduzir conceitos e etno-categorias andinas, formas literárias da tradição pré-hispânica dentro de uma grande diversidade dialetal e uma multiplicidade de estilos do quéchua; ao lado de uma retórica escolástica dos sermões litúrgicos.

O esforço do cronista é também no sentido de criar uma interlocução com o outro, por isso, a organização da informação responde à apresentação de elementos culturais e elementos de argumentação ao leitor hispânico. Por outro lado, com o rigor de um pesquisador, recolhe informações conforme métodos ocidentais, através da documentação espanhola, e paralelamente o faz em fontes indígenas através do testemunho de "*los yndios antiguos de mui biejos y biejas sabios testigos de vista...*" ou nos arquivos da memória imperial guardada nos "quipus".

A intenção de "*dar fé de las historias*" obriga o cronista ao uso do registro escrito, consciente de que as formas tradicionais da memória nas sociedades orais correm sérios riscos em contato com as sociedades letradas. A tradição de pintores pré-hispânicos, encarregados dos registros, tem em Guamán Poma uma continuação, seus desenhos seguem esta tradição, embora a função ilustrativa, acompanhando o texto numa linha retóri-

ca proselitista, faça parte da história do contato e do poder do Santo Ofício.

Guamán Poma constrói desta forma a sua autoridade como escritor e historiador, mas, principalmente a sua legitimidade étnica para denunciar e participar do debate político.

### A Crônica

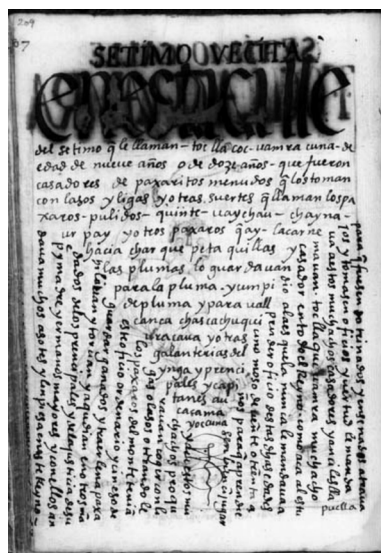


Fig.1-/195[197]/  
PRIMERA VECITA GENERAL



Fig.2-/361[363]/ CONTADOR  
MAIOR I TEZORERO TAVANTIN  
SVIO QVIPOC CVRACA

O cronista aporta elementos *alternativos* ao gênero sedimentado dos cronistas espanhóis, que ele conhece bastante bem. Isso é possível precisamente porque ele incorpora as formas de registro de sua tradição cultural, recuperando assim, elementos e recursos mnemotécnicos andinos, vinculados às características destas sociedades, principalmente a oralidade. O trabalho do autor consiste em recolher dos *quipus*, de fontes orais e dos desenhos a história remota, em forma de mitos e de narrativas, sobre o período pré-incaico, o império incaico, a conquista, e a época contemporânea a seu tempo. Para cada um há formatos diferentes, mas as conseqüências da *extirpação de idolatrias* que haviam deixado marcas profundas na consciência coletiva, da qual o autor participou, também fazem parte do texto.

Se há uma matriz cultural que define melhor o estilo inca, ela pode ser representada pelo *quipus* (MACERA, [19--]). A arquitetura e disposição do texto estão marcadas por esta forma de matriz andina. Na primeira parte da Crônica, Guamán Poma faz uma descrição da estrutura da sociedade andina, organizada por idades e gênero, em função de sua capacidade de trabalho,

evocando as fontes de onde retira as informações. Não só organiza seu discurso em blocos *calle a calle* para descrever cada setor social, os critérios de organização e as suas funções sociais, mas apresenta uma diagramação da página que segue rigorosamente as formas do *quipus* (Fig. 1).

Na edição fac-similar, editada pelo Institut d'Ethnologie de Paris em 1936, não é possível ver a diversidade significativa de cores em cada fileira que o autor reproduz, mimetizando o suporte e a forma material de organização das informações contidas no *quipus* e, ao mesmo tempo, remetendo, às suas fontes étnicas. Ao longo de todo o texto, e a partir destas fontes, Guamán dá dados numéricos precisos, sobre a organização da rede administrativa andina, fazendo uma projeção estimada de habitantes, de dados de produção, dos ciclos e festas.

As sociedades andinas que não conheceram a escrita tiveram outras formas *materiais* de guardar informação, a principal delas está constituída justamente pelos *quipus*. Segundo o cronista mestiço o Inca Garcilaso de la Vega, esta forma de registro “*dice el número mas no la letra*” (Fig. 2). Trata-se, fundamentalmente, de um registro de contabilidade, instrumento de controle administrativo, cuja estrutura combina cor, tipo de nó, tamanho da corda, distancia entre os nós. Os *quipus* não só consignam números, mas relações matemáticas complexas. Alguns arqueólogos pensam que ele é o elemento chave do estilo Inca, comparando as suas formas com algumas construções como, por exemplo, as pontes suspensas.

Sobre o registro de formas orais, podem se observar pequenas narrativas anedóticas, assim como descrições, em que é possível reconhecer a presença testemunhal na riqueza de detalhes, que guarda com fidelidade a memória coletiva sobre fatos de 80 ou 90 anos antes do nascimento do autor. É o caso da descrição de monumentos arquitetônicos, já destruídos, ou ainda de alguns episódios sobre os primeiros encontros quando o desembarque dos europeus que estão registrados desde a perspectiva andina.

O autor explicita um propósito ambicioso de registrar a história étnica, que se estende desde os tempos remotos e míticos pré-incaicos até os inícios da colônia, entretanto, a complexidade discursiva que caracteriza o texto, composto por narrativas e descrições, apresenta evidentes marcas argumentativas.

A narrativa, especialmente da história antiga, levanta um questão central quanto à natureza dos índios, que se tornou um ponto polêmico na primeira metade do século XVI. Dados da religiosidade indígena em discursos litúrgicos que o autor apresenta como da tradição oral pré-hispânica: “O señor, adonde estás, en el cielo o en el mundo...”; a voz do próprio autor: “los primeros indios tubo sombra de conocer al criador”, ao longo da narrativa, vão construindo evidências para fundamentar, do



ponto de vista teológico, que esses elementos se enquadram nos parâmetros do cristianismo e são compatíveis com as normas ditadas pelo Santo Ofício.

Outro argumento importante nesta direção é a apresentação da cultura material e da organização social que tanta admiração causaram nos observadores europeus. Na descrição e relatos sobre as idades pré-incaicas, o autor seleciona uma série de itens, que caracterizam os avanços técnicos da cultura andina, por exemplo, os tecidos, com especial referência às tintas, um dos grandes motivos de assombro, explicitado em algumas crônicas hispânicas. Desta forma, o cronista aborda a descrição do sistema político e a organização social a partir de suas raízes históricas até a formação do Império da qual mostra algumas edificações. A sua versão sobre a sociedade andina como uma civilização organizada, sustentada por leis e princípios, se opõe às versões de cronistas espanhóis como González de Oviedo ou Herrera que tratam não só as sociedades andinas, mas todas as americanas, como bárbaras e selvagens.

Num outro sentido, Guamán Poma representa também uma alternativa ao Inca Garcilaso de la Vega que, como outros cronistas, por exemplo, o soldado espanhol Cieza de Leon, concebem o Cusco como a origem civilizadora do universo andino, transferindo a maneira renascentista que entendia a cultura greco-romana como o princípio organizador e civilizador do universo ocidental, opondo a estrutura política do Império Romano à 'barbárie' que o antecede. Os intelectuais da conquista, deslumbrados pela organização e eficiência do Estado Incaico, projetam a divulgação desse clichê.

A identidade étnica Chinchay do cronista é responsável pela perspectiva descentralizada que destaca a representação da diversidade étnica do universo andino como característica: "... que todo este reyno salieron de muchas maneras de castas y lenguages de yndios, es por causa de la tierra...". Esta visão contrasta com uma visão monolítica cusco-cêntrica dominante, Guamán Poma, ao apresentar essa diversidade, dá elementos para ponderar a visão parcial da cultura andina.

Desta forma, podemos sugerir que a principal estratégia desenvolvida por Guamán Poma é argumentativa; tanto as descrições étnicas quanto as narrativas, e até mesmo os diálogos, estão postulando uma defesa e encaminhando denúncias. Nesse sentido, a parte da obra à qual o autor dá o título de "*Consideraciones*" está constituída por uma série de premissas que organizam o seu pensamento político e é colocada em contraponto com o senso comum para fundamentar e desenvolver teses em defesa da questão étnica. Esta parte, apesar das dificuldades de manejar uma língua que não é a materna, é desenvolvida em espanhol, utilizando a retórica escolástica que o cronista conhece bem.

Neste sentido, os desenhos que compõem a textualidade

da obra desempenham funções ilustrativas, compatíveis com as normas conciliares, no que se refere à elaboração de material de catequese. Assim, eles cumprem com a função demonstrativa, à maneira dos exemplos, que é a de visualizar a descrição, a narrativa, a crítica, a denúncia, permitindo e facilitando a construção de sentidos do público não letrado. Como nos catecismos, a imagem acompanha o texto escrito para ilustrá-lo (LÓPEZ-BARRALT, 1988).

### Os Desenhos

Um dos principais elementos culturais andinos aportados pelo cronista índio ao gênero é a tradição pictográfica. O cronista apresenta uma relação de continuidade da tradição pré-hispânica dos pintores encarregados do registro através da iconografia. Os desenhos acumulam várias funções no texto, algumas como resultado do contato, adaptando-se às novas condições históricas, entretanto, a formatação do desenho responde a técnicas e modelos andinos, não ocidentais.

Na cultura européia dos séculos XVI e XVII, ainda marcada por fortes traços de oralidade, a imagem ocupa um papel predominante na edição de textos literários. O texto verbal guarda relação com uma imagem prévia e Guamán Poma, como índio *ladino*, provavelmente tem acesso a essa produção. De qualquer forma, pode-se observar ao longo da Crônica e mais especificamente nos desenhos, o impacto da escrita alfabética: os desenhos têm pequenos textos verbais explicativos, à maneira de títulos, glosas e outras anotações em espanhol e em quéchua.

Estas formas dialogam com as normas discursivas prescritas nos documentos conciliares, especialmente no que se refere à elaboração de catecismos em Línguas Gerais. A recomendação é de mostrar imagens a um público não letrado e, neste sentido, Guamán Poma se apropria dessas orientações didáticas, propostas pela Contra-reforma (LÓPEZ-BARRALT, 1988). O autor segue os princípios *comunicativos* das normas estabelecidas no *Concilio Limense* (1582-1583), que recomendam o uso de imagens na empresa evangelizadora como um eficiente instrumento didático, aproveitando as vantagens da comunicação visual. No caso, o artista se serve delas para as suas reivindicações nativistas e por isso é proselitista, os desenhos ilustram e tentam persuadir.

Guamán Poma usa as imagens para introduzir informação não conhecida sobre o mundo andino, mas também estabelece linhas de compatibilidade entre este e o mundo hispânico, por exemplo, na apresentação do calendário indígena, fazendo correspondências com o cristão. Usa os desenhos para ilustrar informações míticas, com o distanciamento exigido pela Inquisição, mas, ao mesmo tempo, para representar a sua versão sobre episódios e narrativas da conquista e ainda usa esse recurso para denunciar os diversos tipos de abuso.

## A Questão Étnica

O texto do cronista pretende dar uma ordem ao universo colonial, que se apresenta caótico em comparação à ordem evocada pelo autor na parte descritiva das sociedades andinas pré-incaicas e pré-hispânicas. Nesse sentido, as relações inter-étnicas que aparecem como uns dos lugares de conflito de maior visibilidade ocupam um espaço especial nas alegações do autor para a sua proposta política e estão registradas em grande parte dos desenhos, como um tópico referencial do período colonial.

O léxico para categorizar essas relações inter-étnicas, que já circulam em outros textos do século XVII, aparecem na obra. Termos como *criollo* e *mestizo* são categorias nativas para designar os cidadãos não índios, nascidos no continente americano, para diferenciá-los dos espanhóis nascidos na Península, mas radicados na América, que por sua vez recebem nomes como *gachupin* no México e *chapetón* no Peru, principais assentos coloniais hispânicos.

Entretanto, o cronista adota um tom moralista para apresentar essas categorias, representando nos desenhos as práticas cotidianas dessas relações inter-étnicas no marco de um *topos* que pode ser considerado uma forma de protesto social. O quadro taxonômico que organiza esse novo universo está atravessado pela retórica medieval que contrapõe *vícios* a *virtudes*, dando sentido à nova ordem na Colônia. Na iconografia apresentada pelo autor, há uma categorização na qual não só interpreta os eventos históricos da Conquista, mas especificamente, julga os processos e resultados desses fatos. A denúncia da violência é o fio condutor que dá inteligibilidade aos desenhos.

## Os Pecados Capitais

Embora sem citar, a proposta política central do cronista dialoga com um dos mais brilhantes defensores das populações indígenas americanas, Bartolomeu de Las Casas, cujas obras, na época, estavam proibidas de circular. O ilustre dominicano sugeria a criação de nações espanhola, indígena e africana com territórios e organizações políticas separados, justamente por uma avaliação negativa das relações inter-étnicas nos primeiros anos de contato. Isto pela evidente desagregação das nações indígenas e degradação dos grupos africanos em função das desigualdades que marcam essas relações.

No texto de Guamán Poma, esta proposta constitui um dos principais pressupostos, a partir do qual o autor vai construir uma das estratégias argumentativas para formular a sua postura crítica. Nesse sentido, a mestiçagem, a mais visível evidência, é um dos objetos de maior recriminação do autor e serve para ilustrar as conseqüências danosas do contato, através do exemplo que se materializa no desenho.



Assim, o desenho da p. 594 (Fig.3) traz no título a associação de *bravo* e *colérico* assinalando a violência na relação entre

um espanhol e um índio, que é espancado e humilhado, como pode ser visto pela posição que ocupa cada um no espaço, e que representa o pecado da *ira*.

No desenho da p.538 (Fig.4), o título contém a *soberbia* como tópico das cenas violentas; constitui uma refutação ao senso comum que admite na soberba uma ideologia de superioridade necessária para explicar a colonização. O autor tenta argumentar que aqueles que se consideram superiores estão em pecado, assim como os descendentes, os mestiços, fruto do contato, conforme reza o tópico no desenho da p.540 (Fig.5).



Fig. 5 - /540[554] ESPAÑOLES/ SOBERBIOSA CRIOLLA o mestiza o mulata deste reyno

A *avareza* é outro pecado denunciado no contexto das relações inter-étnicas, que guarda uma contigüidade com a *cobiça*, que é recorrente no texto, vinculada à acumulação de riqueza (Fig.6), mas ao mesmo tempo, há uma representação sistemática da conduta dos funcionários da administração colonial despojando das posses aos índios, às vezes mínimas, como no caso da p. 790 (Fig.7).





Fig 6 - /521[525]/ESCRIVANO/ESCRIVANO DE CABILDO o real nombrado o rezeptor deste rreyno/ "Paga" ...



Fig. 7- /790[804]/PRINCIPALES/QUE LLEVA DE PRESENTES el cacique principal al dicho corregidor y no le agradese en este rreyno...

A *gula* também faz parte do elenco pictográfico, embora sem topicalizar. No quadro da p. 505 (Fig.8), a crítica está mais na promiscuidade que no banquete, isto é, ao fato de sentar à mesa juntos os diversos segmentos, assinalado no texto.



Fig. 8 - /505[509]/CORREGIMIENTO/ QUE EL CORREGIDOR CONBIDA en su mesa a comer gente vaja, yndio mytayo, a mestizo, mulato...

Mas o tom moralista do cronista se exacerba quando se refere à *luxúria*, que extrapola os desenhos, atravessando todo o texto. A maior visibilidade do contato inter-étnico está nos mestiços que o autor recrimina, não só pela origem, a violação das mulheres índias (Fig.9), mas por considerá-los inimigos dos índios: *los mestizos son mas peores para con sus tios y tias madres ermanos ermanas...* (GP p. 539). Neste tópico, o discurso anti-clerical do cronista chega ao ponto mais crítico, apresentando a produção em série de *mesticillos*, fruto do abuso do poder do clero e a violência contra as mulheres índias (Fig.10).



Fig.9 /503[507]/CORREGIMIENTO/ EL COREGIDOR I PADRE TINIENTE anda rondando y mirando la güergüenza de las mujeres/ probincias/



Fig.10. /606[620]/PADRES/HIJO DE LOS PADRES DOTRI nantes mestizos y mestizas lo lleva un harriero español alquilado a la ciudad de los Reys de Lima...

## Considerações Finais

A crônica de Guamán Poma apresenta uma situação enunciativa complexa. O lugar de onde fala e a sua interlocução estão construídos numa língua e num registro recém adquiridos. Entretanto, as línguas que ele aciona em seu discurso, especialmente as ameríndias, lhe conferem o status de um porta-voz dos povos andinos com o argumento da identidade. A modalidade do espanhol em que escreve reflete os processos de interculturalidade das populações andinas, resultado não só das línguas em contato, mas das funções sociais que irão desempenhar nessa nova ordem.

Por outro lado, a condição de testemunha dos eventos históricos relatados pelo autor, legitima a 'autenticidade' do seu texto. Na narrativa, recorre à tradição oral, à iconografia, à documentação, inclusive a andina. Na argumentação, o autor transpõe os recursos retóricos da escolástica, da prédica religiosa na sua condição de cristão novo, para elaborar um discurso político. Mas é nos desenhos que o autor constrói a sua eficácia comunicativa, ilustrando as denúncias e ativando a persuasão para a defesa das suas reivindicações étnicas.

### Abstract

*Felipe Guaman Poma de Ayala (1526?-1615) is the Andean author of Nueva Crônica e buen gobierno, a text that reproduces, among other things, the critical process of identity from historical events of the Americas beginning in the 16<sup>th</sup> century. The chronicle involves an interdiscourse between the oral tradition of the maternal language and literacy in a second language, but has recourse to the Andean iconographical tradition as part of the conflicts of this identity. Quite aware of the irreversibility of the changes that Andean societies have undergone, the Indian chronicler decided to write what he knew 'de oídas,' in the manner of an ethnographer, compiling what he read in the Spanish chronicles and recording his own witnessing of the events and their historical antecedents. The written text is accompanied by drawings that illustrate what gives a special iconographic character to the document.*

**Keywords:** *the Conquest's chronicles; The Conquest's iconography; Peru's literature.*

## Referências

- LÓPEZ -BARRALT, Mercedes. *Icono y conquista: Gumán Poma de Ayala*. Madrid: Hiparión, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Guamán Poma autor y artista*. Lima: Fondo Editorial da Pontificia Universidad Católica del Perú, 1993.
- MACERA, Pablo. *Historia del Perú y del mundo*. Lima: Ed. Bruño, [19--].
- POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva crónica y buen gobierno*. Paris: Institut D'Ethnologie, 1936.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Madrid: Historia 16, 1987.
- PRADO, Elias; PRADO, Alfredo. *Phelipe Guamán Poma de Aiala y no hay remedio*. Lima: Centro de Investigación y Promoción Amazónica, 1991.
- SOLANO, Francisco. *Documentos sobre Política Lingüística en Hispanoamérica - 1492- 1800*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- SUESS, Paulo (Coord.). *A conquista espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- TAYLOR, Gerard (Ed.). *Rites et traditions de Huarochiri*. Paris: L'Harmattan, 1980.
- TORERO, Alfredo. *El quechua y la historia social andina*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Idiomas de los Andes: Lingüística e Historia*. Lima: IFEA Editorial Horizonte, 2002.